



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ANDREZA GOMES DE SOUZA

“Angústia Existencial: condição irrevogável do Ser? Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville”.

Campina Grande - PB

Novembro de 2011

ANDREZA GOMES DE SOUZA

“Angústia Existencial: condição irrevogável do Ser?”

Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência para
obtenção do título de
Licenciatura/Bacharelado em Psicologia.
Orientador: Prof^o Dr^o Edmundo de
Oliveira Gaudêncio

Campina Grande - PB

Novembro de 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S729a Souza, Andreza Gomes de.

"Angústia Existencial: condição irrevogável do Ser? Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville." [manuscrito] / Andreza Gomes de Souza. – 2011.

33 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia”.

1. Existencialismo. 2. Angústia. 3. Logoterapia. I. Título.

21. ed. CDD 150

ANDREZA GOMES DE SOUZA

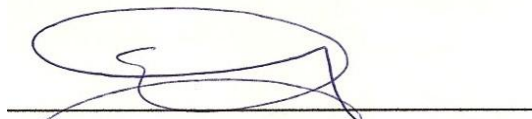
“Angústia Existencial: condição irrevogável do Ser?”

Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville”.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência para
obtenção do título de
Licenciatura/Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof^o Dr^o Edmundo de
Oliveira Gaudêncio.

Aprovada em ___/NOV/2011



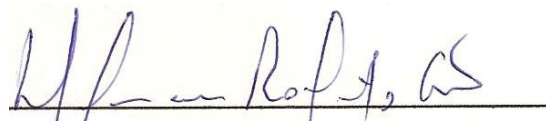
Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio/ UEPB

Orientador



Prof. Dr^o Gilvan de Melo Santos/ UEPB

Examinador



Prof. Msr. Wilmar Roberto Gaião/ UEPB

Examinador

“Angústia Existencial: condição irrevogável do Ser?”

Notas sobre a angústia em Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville”.

"Existential Anguish: is it an irrevocable condition of Being? Notes about the anguish concept based on Kierkegaard, Viktor Frankl, Comte-Sponville."

SOUZA, Andreza Gomes de ¹.

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre a temática que atinge o cerne da alma humana, a angústia existencial, tendo como base teórica a fenomenologia existencialista sob a visão de alguns autores, notadamente Sören Kierkegaard, Viktor E. Frankl, Martin Heidegger e o contemporâneo André Comte-Sponville, partindo do pressuposto que angústia e morte são fenômenos inerentes à vida. Fenômenos que se tornam cada vez mais sufocantes, na contemporaneidade, dada a dimensão trágica do existir. Temos o propósito de discutir aqui, a angústia, bem como a finitude, como nossas possibilidades mais próprias de ser. Aqui será feita uma reflexão sobre o conceito de angústia e a sua importância na construção da Logoterapia da Análise Existencial. Pensar o modo pelo qual se dá nossa relação com a finitude e o quanto esta relação caracteriza os diferentes modos de ser na atualidade é a preocupação deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Logoterapia, angústia, angústia existencial.

ABSTRACT: This article intend to develop thoughts about a topic related to the essence of human soul: the existential anguish, having as theoretical basis the existential phenomenology, according to some authors as, notably, Sören Kierkegaard, Viktor E. Frankl, Martin Heidegger and the contemporary André

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Endereço para contato: dezasouza@msn.com.

Comte-Sponville. It starts with the assumption that anguish and death are inherent in life phenomena, which became more stifling nowadays, as consequence of the tragic dimension of existence. We have the objective to discuss the anguish and finiteness as our possibilities to exist. On this article is going to be done a thinking about the anguish concept and it's importance on the Logotherapy Existential Analysis's construction. The concern of this article is to think about the way through which we relate to the finiteness and how much this relation characterize the different ways of being nowadays.

KEYWORDS: Logotherapy, anguish, anguish existential.

INTRODUÇÃO

A arte costuma dizer com poucas imagens o que a ciência geralmente exige centenas de palavras para dizê-lo. É o caso de uma tela expressionista que sintetiza tudo que se pode referir sobre a angústia, tal como veremos adiante.

O expressionismo foi uma corrente artística concentrada especialmente na Alemanha, entre os anos de 1905 e 1930, não sendo uma exclusividade alemã, embora o estilo demonstre a passionalidade e a inquietação espiritual daquele povo.²

Constituiu-se com uma tendência permanente e universal da arte, expressando um pensamento crítico a respeito do mundo burguês e seu surgimento refletiu-se nas obras que combatiam a razão com a fantasia. Os artistas alemães do início do século XX fizeram a arte ultrapassar os limites da realidade, tendo sido influenciados pela filosofia de Nietzsche e por Freud (através da teoria do inconsciente), tornando-se, assim, aquele estilo, pura expressão da subjetividade psicológica e emocional.

O expressionismo é tratado como pintura dramática e subjetiva, tida como uma pintura apaixonada e também como uma arte do instinto, por seus artistas transmitirem seus sentimentos mais subjetivos e íntimos.

As obras de artes são caracterizadas por apresentarem cores fortes, vibrantes, resplandecentes, pintadas a pincel ou à espátula e vai e vem, contém aspectos trágicos e

Em: ² **História da Arte Expressionista**: Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/55812565/HISTORIA-DA-ARTE-EXPRESSIONISTA>. Acesso em: Maio de 2011.

sombrios e preferência pelo patético. A linha é emocional, deformadora, angulosa e nervosa.

Alguns historiadores classificam os pintores desse movimento como “Pós Impressionistas”, não porque eles pretendiam destruir os efeitos impressionistas resultantes de as telas serem pintadas ao ar livre, para que o pintor pudesse capturar melhor as variações e cores da natureza; na verdade, os chamados “Pós Impressionistas” queriam mesmo era ir mais além, já que a manifestação exterior era reflexo de uma necessidade interna.

Já que a necessidade interna se fazia presente na manifestação exterior, nada melhor do que falar sobre um dos quadros mais reproduzidos da história da arte, do artista Edvard Munch, datada de 1893, quando ele contava trinta anos de idade, e que se constitui como sua obra máxima e uma das mais importantes da história do expressionismo, qual seja, “O Grito”, hoje investida do *status* de ícone cultural.

A tela retrata um personagem com as mãos tapando os ouvidos, a boca aberta como um oco, um vazio e, ao fundo, um céu formado por faixas espessas em que predominam as cores vermelha e amarela.

O céu de cores vibrantes e quentes se opõe ao rio azul (cor fria) que desce do horizonte. As pinceladas espessas caracterizam o expressionismo (onde o que interessa para o artista é a expressão de suas idéias e não o retrato da realidade). A figura humana também está em cores frias, apresenta-se sem cabelos, com ar assustado, no exato momento da emissão de um grito. A dor do grito está presente não só na personagem, mas também, ao fundo, na paisagem que se contorce, dolorida e, talvez por essa característica do quadro, é que nos identificamos tanto com a obra, a ponto de sentir a dor e o grito dado pelo personagem, como se assim entrássemos no quadro e víssemos o mundo tortuoso que habita em nossa subjetividade mais sombria.

Sobre a tela em epígrafe, sabemos que certa tarde, Edvard Munch caminhava por uma ponte, contemplando o rio. Aquela vivência ele a transcreveu em seu diário.³

“Passeava com dois amigos ao pôr-do-sol – o céu ficou em súbito vermelho-sangue – eu parei, exausto, e inclinei-me sobre a mureta - havia sangue e línguas de fogo sobre o azul

³ Em: **O Grito Infinito da natureza:** Disponível em: <http://www.carlosmuller.com.br/?id=28&PHPSESSID=480782e93f669061e4f212816674f4ae>. Acesso em: Maio de 2011.

escuro do fjord e sobre a cidade – os meus amigos continuaram, mas eu fiquei a tremer de ansiedade – e senti o grito infinito da natureza”.

Aquele sentimento de opressão aterradora, ele o transformou em uma obra de arte que é a terceira tela mais reproduzida do mundo. Desse fato podemos extrair algumas idéias: Se é a tela mais reproduzida, provavelmente o seja porque todos temos preso à garganta o grito que, sem som, mas com pinceladas revoltas e cores escuras, ele urrou. Esse grito parece-me de todo ao indizível da angústia e da solidão. Mas, sendo um grito surdo de dor, é um grito de vitória, através da arte, sobre o desespero.

DISCUSSÃO

“O Grito” evoca um único sentimento: a angústia. E o que é Angústia? Conforme Mandruszka (*apud* GIOVANETTI, 2000), o termo angústia tem origem no Latim “*Angustus*” que significa “estreito, apertar, afogar”, por via do Grego, *Angst*, referente à “apertar”, “estreitamento”, “estrangulamento”. Segundo Liudvik autor da matéria citada da revista Cult (2011).

Esse termo nomeia a vivência de ser no espaço, adquirindo as conotações de um estreitamento da existência, da qual provém a expressão clássica de “aperto no peito” ao se definir a angústia.

Um conceito sumário, aplicado sobretudo à clínica, é-nos oferecido por Mielnik (1987, p.18): “Sensação desagradável de mal-estar, opressão e medo de algum perigo vago e iminente, diante do qual não estamos em condição de nos defender”.

Entretanto, na própria conceituação, a fim de definir a angústia, o autor recorre à idéia de medo – com que a angústia não deve ser confundida, assim como não deve ser confundida com a ansiedade, nem com o desespero.

O medo é uma reação emocional a um perigo real externo, que deverá ceder com a eliminação da situação ameaçadora, (MIELNIK, 1987). Ou seja, o medo é uma resposta a um objeto determinado. Constitui uma etapa normal no desenvolvimento psicoemocional, sendo fator básico da vida ética, social e cultural. Possui funções biológicas, pois alerta contra o perigo, proporciona energia para determinadas atitudes e estimula nossa capacidade de reação; funções individuais, vez que auxilia na formação do caráter, contribuindo assim para o autocontrole e determinação; e, por último, possui uma função social, quando pode ser responsável pelo espírito de união em um dado

grupo ou comunidade (MIELNIK, 1987). Encontrando-se na raiz de inúmeras atividades sociais, tais como as religiões, que tem no medo um aliado ideológico, o medo pode ser o principal determinante da mentira e da covardia.

Sabemos que os medos adquiridos no passado agem sobre o presente e o futuro, da mesma forma que o medo do futuro atua sobre o presente. Entretanto o primeiro passo na compreensão do medo é aceitar que todos os medos surgem devido a preocupações a respeito do que poderá acontecer em consequência do evento e não do evento em si.

De outra forma e por outros meios, a angústia também pode ser confundida com a ansiedade, essa que é o sintoma mais comum nos transtornos mentais. Na clínica, a ansiedade pode se manifestar ora como sensação de tensão e apreensão, ora sob forma de inquietação intensa, quando ocorre respiração alterada, contrações musculares faciais incontroláveis, tremores, palidez, perturbações da fala, como gagueira e dificuldade para organizar os pensamentos, manifestando-se, ainda, alterações na salivação (xerostomia ou boca seca), alterações na frequência dos batimentos cardíacos, no número das incursões respiratórias e no peristaltismo intestinal (MIELNIK, 1987).

Em todo caso, a ansiedade é um estado de perturbação emocional que funciona como um alarme, indicando a necessidade de resolver um conflito colocado em sua origem. Isso estabelece a diferença fundamental entre a ansiedade e o medo, pois enquanto o medo possui um fator desencadeante real e palpável, na ansiedade o fator de estímulo para a reação ansiosa contaria com fatores sobretudo subjetivos.

Evidentemente a ansiedade tanto pode ser reativa ou adaptacional e, portanto, não patológica, quando produzida pela apreensão frente a uma situação real e concreta, como a ansiedade manifesta por um estudante quanto à defesa pública de um trabalho de conclusão de curso, por exemplo, quando a ansiedade é perfeitamente normal e compreensível, como pode ser entendida como um sintoma, seja aguda ou principalmente crônica, quando é o principal sintoma de certos quadros clínico-psiquiátricos, como Transtorno do Pânico, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático, nos quais a ansiedade se instala na ausência de um objeto externo, em resposta a fatores exclusivamente intrapsíquicos.⁴

⁴(Disponível em: http://mmspf.msdonline.com.br/pacientes/manual_merck/secao_07/cap_083.htm. Acessado em: Maio de 2011.

A principal característica psíquica do estado ansioso nos chamados Transtornos de Ansiedade (Transtorno do Pânico, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, Transtorno de Fobia Social e outros) é uma excitação psíquica frente a uma ameaça apenas subjetivamente vivenciada, quando não se sabe o perigo que supostamente ameaça. Esse estado psíquico na maioria das vezes acaba causando confusão mental, ineficiência das ações empreendidas, com o subsequente aumento da sensação de perigo e de incapacidade de se livrar do perigo, o que termina por configurar um círculo vicioso, pois tais sensações só fazem intensificar ainda mais o estado ansioso.

O terceiro afeto que não deve ser confundido com a angústia é o desespero, vez que desespero é estado de angústia extremamente intenso, acompanhado de manifestações psicomotoras indicativas do pânico vivenciado pela pessoa desesperada (Mielnik, 1987).

Entretanto, se a angústia, associada ou não a fobias, ansiedade ou desespero, comparece à clínica, ela também frequenta a filosofia, ali sendo caracterizada como “angústia existencial”, da qual o grande teórico é o filósofo dinamarquês Kierkegaard, com sua obra “O conceito de angústia”, de 1844 (CHAUI, 1979), embora ela tenha sido discutida também por Sartre e Heidegger.

Essa angústia dita existencial grita dentro de nós, às vezes surdamente, como bem retrata “O Grito”, sacudindo-nos a partir de nossa profundidade, clamando por aquilo que foi “perdido ou está adormecido dentro de nós”. Ela grita sinalizando que existe uma espécie de dor profunda, tão perto, porém, da superfície do ser. Dor do destino, dor da existência, dor essa que está sempre lá, continuamente sob a película da vida.

Angústia é, então, essa sensação da falta ou perda, em todo caso de desvalimento e solidão, instalada sobretudo quando nos deparamos com o passar dos anos e a perda da juventude, quando somos tomados pela vontade de querer “recuperar” as pessoas que desapareceram de nossas vidas, quando apreendemos que o amor eterno não compareceu à nossa existência, quando somos tomados pelo desejo de querer interromper o envelhecimento. Tudo isso nos angustia, vez que a angústia sempre emergirá de esforço, consciente ou inconsciente, para lidar com os fatos “difíceis e duros” de nossa existência.

Dentre todos os fatos duros e difíceis da existência, não resta dúvida: a morte é o mais óbvio, o mais evidente, o mais cruel, dado que, desde muito pequenos, sabemos que da morte jamais poderemos fugir, não havendo escapatória quanto ao morrer.

No âmago de cada pessoa, existe um conflito eterno entre o desejo de continuar a existir e a consciência da morte inevitável. Nós sabemos que ela, a morte, mais cedo ou mais tarde sobrevirá. Mas, ainda assim, procuramos infinita e inutilmente formas e meios de negá-la, na ilusória tentativa de, assim, dela escapar, como através, por exemplo, dos mitos religiosos confortadores: a crença na vida eterna é somente uma medida de proteção contra a angústia intolerável, justo porque a angústia é ausência de conhecimento e de certeza. Por conseguinte, impossibilidade de controle do nosso futuro. Ela é a nossa fragilidade exposta diante do nada, como deseja Heidegger (ANGERAMI – CAMON, 1998). Ou seja, a angústia é essa inquietação que invade o ser humano quando este se confronta com o nada da existência ou, pior, com o nada da não-existência. Na verdade, o que acontece quanto à angústia é que a nossa existência está inelutavelmente presa à morte e à idéia de morte, seja a daqueles que nos são caros, sobre os quais projetamos nossa angústia face à finitude, seja a nossa própria morte, vivenciada por antecipação na morte de nossos entes queridos. Entretanto, antes de temermos a morte, tememos o tempo, vez que é o tempo que nos leva inexoravelmente à morte, e essa a grande lição que Sartre e Heidegger nos ensinaram, face à qual temos que responder, existindo e escolhendo, tal como refere Valéry:

“Existo quase não tenho sentido, mais muito tem de valor. Esta maneira de dizer se apresenta menos como a objetividade de uma constatação do que aparece como um grito, uma exortação, uma provocação, uma destas pancadas sobre a mesa que, segundo os historiadores, foram com frequência a origem impaciente e um pouco teatral das grandes mudanças. Existo quer dizer: agora basta, chegou o momento de começar, o novo virá, soou a hora em que o antigo mundo deve ceder seu lugar. Não por causa de mim, que nasci em algum lugar. Mas através de mim que acabo de ouvir soar a hora de uma decisão em que está implicado o destino de todos” (BEAUFRET, 1976. p 62.)

Dito de outro modo, é quando da tomada de uma decisão que nos colocamos diante do abismo do escolher, face ao qual nenhuma certeza nos está reservada.

Para Jean-Paul Sartre (1905 - 1980), um dos maiores representantes da corrente existencialista, a angústia surge no dado instante em que o homem percebe sua

condenação à liberdade.⁵ Ou seja, o homem percebe que está condenado a ser livre, posto que sempre existirão possibilidades e caminhos diferentes para optarmos por uma dada escolha, que é sempre pessoal, única e intransferível. Assim sendo, o homem torna-se angustiado em perceber tal condenação, ao mesmo tempo em que se dá conta de que é senhor de sua vida e de seu destino. Ou seja, a liberdade é um outro dado da existência. A liberdade, como dado, parece a própria antítese da morte e, embora tenhamos receio da morte, em geral consideramos a liberdade como inequivocamente positiva (SARTRE, 1943).

De modo assemelhado, para o filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), a angústia é a disposição afetiva pela qual se revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência. Ela resulta da falta de base para a existência — vez que esta é uma suspensão temporária entre o nascimento e a morte, estando o projeto humano de vida sempre incompleto, limitado pela morte que não se pode evitar. Na angústia, a relevância do tempo, da finitude da existência humana, é experimentada, então, como uma liberdade para encontrar-se com sua própria morte.

A angústia, segundo Heidegger" é, dentre todos os sentimentos e modos da existência humana, aquele que pode reconduzir o homem ao encontro de sua totalidade", desde que ele possa juntar os pedaços a que é reduzido pela imersão na monotonia e na indiferenciação da vida cotidiana. "A angústia faria o homem elevar-se da traição cometida contra si mesmo, quando se deixa dominar pelas mesquinhas do dia-a-dia, até o autoconhecimento em sua dimensão mais profunda." Heidegger afirma que, quando isso ocorre, há duas soluções: ou o homem foge para a vida cotidiana, "ou supera a angústia, manifestando seu poder de transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo." Assim, a angústia "sóbria" e a confrontação implicada com a morte são, para Heidegger, primeiramente ferramentas, possuindo importância metodológica: ali, certos fundamentos são revelados - abrindo o homem para o ser. Nessa e com essa disposição, o mundo se abre e se revela já sempre no modo como nos ocupamos com o ser das coisas, dos outros e do nosso próprio ser (HEIDEGGER, 2006).

Pensado em sua radicalidade, o ser do homem (ou Dasein) é um projeto à medida que está jogado no mundo, desde o qual deve vir a se realizar. Por sua vez, o mundo nada mais é do que as diferentes possibilidades de ser desse homem.

⁵ Disponível em: <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-existencial.html>. Acessado em: Maio de 2011

Ora, somos Dasein por que somos ser-no-mundo, ou seja, o homem é ser que está sempre lançado em si mesmo; nunca estando pronto, permanece sempre no processo de criar-se e re-criar-se em seu ser – seja junto ao ser das coisas que lhe vêm ao encontro no mundo; seja com o ser dos outros (que possuem o mesmo modo de ser que o seu); seja se recriando em função de si mesmo. Por não estarmos prontos, mas sempre lançados nas possibilidades do nosso próprio ser, é que nos vemos sempre diante da possibilidade de o realizarmos, quer de forma autêntica, quer de forma inautêntica. Ou melhor: segundo Heidegger, o existente, ao ver-se projetado no mundo (nas suas possibilidades de ser) pode simplesmente repetir o modo como a tradição realizou as mesmas possibilidades de ser, nas quais ele se vê lançado (tomando, dessa forma, o “outro”, no caso, a tradição, como medida para a sua ação de ser), ou descobrir o seu próprio modo de realizar esse mesmo ser. No primeiro modo, o existente se mantém de forma inautêntica em seu ser e, no segundo modo, de forma autêntica. No modo inautêntico, o existente vê-se decaído do ser (compreendido como pura dinâmica de constituição). O mundo no qual ele se vê lançado apresenta-se como algo já pronto e acabado, a ele, existente, somente sendo dada a possibilidade de repetir o feito (HEIDEGGER, 2006).

O autor de “Ser e Tempo” afirma que a angústia está em lugar nenhum. “Em lugar nenhum”, por outro lado, não significa um nada negativo. A angústia se angustia com o “nada” que não está em parte alguma, com o mundo, ou melhor, com nossa condição de ser-no-mundo. Por tal motivo, Heidegger nos fala de não criarmos laços afetivos com os entes que estão no interior do mundo pelo fato desses perderem seu significado para o homem, à medida que o nada se anuncia como parte que integra o próprio ser da presença, pois, na angústia, ficamos suspensos nesse nada, que fundamenta uma perda de sentido total dos entes ao nosso redor, caracterizando a insignificância desses. Dessa forma nos tornamos estranhos a nós mesmos e estranhos em relação aos entes que nos circundam.

Aquela tranquilidade na qual o Dasein pensava estar (e que se traduz no modo como tudo no seu cotidiano se lhe mostra próximo e familiar) já se perdeu na angústia, já se perdeu no espanto diante do abismo, no qual, através da disposição fundamental da angústia, somos lançados. Pela angústia nos sentimos estranhos junto às coisas mais próximas e comuns, a angústia nada tendo a ver com os entes intramundanos, vez que, segundo Heidegger, a angústia não conhece aquilo que a angustia.

Portanto, a partir da apreensão da angústia, o homem perceber-se-ia como um *ser-para-morte*, devido ao fato de intuir o absurdo da existência. A angústia cumpre, assim, o papel de despertar o homem da alienação, de revelar o ser autêntico. Ela enseja o homem a escolher a si mesmo e governar a si próprio. A angústia abre o homem para o ser (HEIDEGGER, 2006). O homem pode, então, introduzir esse conhecimento existencial no projeto de sua vida, e assim se apropriar da existência fazendo-a efetivamente sua, tornando-se autêntico, não mais um ente sem raízes entre outros (HEIDEGGER, 2006).

No tocante, porém, à angústia, não restam dúvidas: É Kierkegaard quem sobre ela inauguralmente filosofa.

Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855) é considerado o pai do existencialismo, embora o termo "existencialismo" não estivesse, ao seu tempo, então em uso.

Nas dimensões deste trabalho, é sobre o seu pensamento, exclusivamente, que versaremos de forma mais longa, vez que não nos interessa discutir a fundo a questão da angústia em outros existencialistas, lembrando que dois dos maiores filósofos existencialistas, Heidegger e Sartre, foram buscar inspiração naquele filósofo, que refere, como dito, de modo inaugural, uma das noções centrais do existencialismo, qual seja, a idéia de que não existe qualquer predeterminação com respeito ao homem, e que essa indeterminação e a liberdade daí decorrente levam o homem a uma permanente angústia.

Kierkegaard acreditava na existência de Deus, mas reconhecia não ser possível saber quais eram Suas reais intenções, dessa forma não sendo possível ao homem isentar-se da responsabilidade acerca de seus atos, isto é, de suas escolhas, sobretudo diante de Deus ou da idéia de Deus, lembrando que é d'Ele que advém o livre arbítrio. Diante desse livre arbítrio, a angústia advém da consciência do pecado e da liberdade, dado que o homem conhece o bem, embora possa optar pelo mal, em todo caso, sendo sabedor de que se deve responsabilizar por sua escolha – e, justo por isso, angustia-se (CIPULLO, 2000).

A consciência do pecado é a consciência da proibição, do que não é permitido realizar, do interdito posto à humanidade desde Adão. A proibição (não poder) desperta no homem, porém, a possibilidade de poder, trazendo-lhe a ambigüidade quanto à angústia de poder escolher, desde que se torne responsável pelas conseqüências de suas escolhas (DE FEIJOO, 2000).

Dito de outra forma, a angústia de ser, tal como abordada por Kierkegaard, aparece quando se percebe que a possibilidade do nada é tão real quanto a do ser (ambivalência). O homem não sabe de onde tudo se originou e nem como terminará, não podendo ter certeza de nada, muito menos das conseqüências de suas escolhas, e essa impossibilidade de prever e explicar os fatos o angustia (KIERKEGAARD, 1972). Essa sua crença na necessidade de que cada indivíduo faça uma escolha consciente e responsável tornou-se outro pilar do movimento existencialista.

O pensamento fundamental de Kierkegaard, e que veio a se constituir em linha mestra do Existencialismo, é a constatação da falta de um projeto básico para a existência humana. Entretanto, qualquer projeto para o homem representaria uma limitação à sua liberdade, a mesma liberdade que gera no homem profunda insegurança, medo e angústia.

Kierkegaard define muito bem o sentimento de angústia existencial quando diz que esta é uma antipatia simpatizante e simpatia antipatizante. O sentimento de angústia traz o desejo como devir e o medo do que possa ocorrer no futuro. Sendo angústia, o homem não vê outra alternativa a não ser haver que escolher e realizar, às suas próprias custas, sua particular existência, sendo a angústia a característica da situação de liberdade em que todos nos encontramos (FEIJOO,2000,p.71).

Tais idéias ele as expõe em um texto capital, qual seja, *O conceito de angústia* (Kierkegaard, [data da publicação original],1972), um verdadeiro tratado sobre esse assunto, onde a complexidade de suas idéias foi e será sempre instigante, fascinante, útil e atual, principalmente para estes tempos pós-modernos, cuja temática maior é a angústia denunciada, na pintura, por Munch. Sobre isso dizem Almeida e Valls (2007, p. 60): “Kierkegaard contribuiu para trazer a filosofia de novo para o plano terreno, inserindo-a nos dramas e tragédias da própria existência”.

Em "O Conceito de Angústia" (1972), ele nos fala do pecado, enquanto supõe o livre-arbítrio (a angústia de que trata é a da livre escolha entre as possibilidades, o que se tornou a idéia básica do futuro movimento existencialista).

Naquela obra, ele nos diz que a liberdade gera no homem profunda insegurança, medo e angústia, tomando-a como medo do indefinido, do desconhecido, diferentemente do medo e do terror diante do perigo conhecido, quando o medo e o terror derivam de uma ameaça objetiva (por exemplo, um animal, um assaltante etc.). A liberdade presume, então, possibilidades, e as possibilidades criam a angústia, seja porque são escassas, ou,

no outro extremo, porque existe um número muito grande de opções. Um colapso pode ocorrer tanto por muitas, quanto por poucas possibilidades abertas ao indivíduo. Para ele, então, “*A angústia é o preço da liberdade.*” (KIERKEGAARD, [1844] 1972).

Desse modo, quanto maior a liberdade potencial dos indivíduos, tanto maiores possibilidades criativas possui o homem individualmente; dessa forma, a sua angústia se potencializa. Kierkegaard afiança que uma das características do indivíduo é sua capacidade para ser consciente de suas próprias possibilidades. Este pensamento o conduziu ao importante conceito da relação do conflito com a angústia.

Ou seja, para o filósofo dinamarquês, o homem pode escapar da angústia pela fé, vez que a ansiedade não é em si mesma um pecado, diz ele, pois é a reação natural da alma quando em face ao escancarado abismo da liberdade. Entretanto, sem a fé, a angústia leva ao desespero, sendo o pavor a ansiedade face ao eterno. Essa ansiedade pode, então, levar o pecador de volta a Deus que o criou e lhe deu a liberdade e, assim, a ansiedade pode ser salvadora pela fé. A angústia é, então, o caminho para a fé (KIERKEGAARD, 1972).

No entanto, Kierkegaard menciona que a angústia é um modo da humanidade ganhar salvação. A angústia informa-nos das nossas possibilidades de escolha, do nosso autoconhecimento e responsabilidade pessoal, levando-nos de um estado de imediatismo não-autoconsciente a uma reflexão autoconsciente. Um indivíduo torna-se verdadeiramente consciente do seu potencial através da experiência de ansiedade/angústia. Assim, a angústia pode ser uma oportunidade para o pecado, mas pode também ser o caminho para o reconhecimento ou realização da identidade e liberdade de cada um – e já que o ser humano, diferentemente de outros seres, possui uma consciência que lhe permite sair de si mesmo e dirigir-se rumo a possibilidades que podem ou não ser realizadas, deve ele tirar proveito dessa angústia e realizar-se como possibilidade de uma concreção (KIERKEGAARD, 1844).

Pelo referido, na perspectiva kierkegaardiana, a angústia é de fundamental importância no que tange à constituição e à construção da subjetividade humana, ou seja, na construção da individualidade e do “si mesmo”. É por essa razão que ele pondera sobre o quanto o peso da escolha e das decisões desencadeia o processo de angústia na existência humana.

Para nosso autor, a angústia era “normal” e não “neurótica”, sendo até mesmo benéfica. Isso porque o filósofo enxerga a angústia como sendo o puro sentimento do

possível, do viável, o sentido daquilo que pode acontecer enquanto poder-ser, isto é, possibilidade, tal quando afirma: “O homem constituído pela angústia é constituído pela possibilidade e apenas aquele que a possibilidade forma está formado em sua infinitude” (KIERKEGAARD, 1968, p. 158).

Face à consciência de sua finitude, em sua obra o *"Desespero humano: doença até à morte"*, de 1849, Kierkegaard propõe três dimensões para o eu: 1- o "eu" é uma síntese de opostos polares; 2- o "eu" é auto-relacionável, e se orienta por si próprio; 3- o "eu" é dependente de Deus. Segundo ele, o eu não é um em si, mas o voltar-se sobre si. Ao apresentar o eu como uma relação, o autor afirma que "o homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é em suma uma síntese." (KIERKEGAARD, 1949, p. 195). Portanto, o eu é devir e, por essa razão, somente é o que será, realizando-se, no entanto, concretamente, numa síntese vivida no instante. E existindo na não-existência, dessa forma, não sendo ainda, o eu é desespero, o qual está ligado ao caráter provisório da existência. Por isso, não há como não ser desesperado, ou seja, não há como existir fora do desespero.

Dessa forma, o desespero é motivado pelo desejo de não ser si-próprio e pelo fato de não se ser consciente de se ter um "eu". O desespero, assim, se define pelo desequilíbrio da dialética/síntese entre finito e infinito, podendo o eu desesperar de si ou de algo, apercebendo-se ou não disso. Dessa forma, o desespero é a doença mortal que pode tornar alguém incapaz de realizar-se a si mesmo. É a grande doença da própria personalidade humana, tomada como mortal por trazer, ao seu existir, o morrer a cada instante.

Kierkegaard analisa, assim, o desespero, seguindo um duplo esquema: o primeiro consiste em considerar o desespero a partir dos fatores que constituem a síntese que é o indivíduo: finitude e infinitude. O segundo considera o desespero sob o aspecto de subconsciência-consciência, ou seja, o não querer ser si-próprio, o que implica ora em fraqueza, ora em desafio (KIERKEGAARD, 1949.). O *desespero-fraqueza* é uma manifestação do desespero que é caracterizada pelo não querer ser si mesmo, a partir de algo externo). O eu que se desespera na fraqueza será sempre passivo. Diante disso, lembra Kierkegaard (*op. cit.*, p. 230): “O que dizes da fraqueza está certo, mas não é dela que deves desesperar; devemos despedaçar o eu para nos tornarmos nós próprios, deixa-te pois de desesperar dela.”

Observa-se, então, que a busca de Kierkegaard é nos esclarecer sobre a noção de que o desespero se encontra intrinsecamente ligado à questão da própria existência humana. Existindo, pois, em todo ser humano, características relativas ao desespero, estando o ser consciente ou não desse sentimento, o qual, por sua vez, é essencial para a aproximação com Deus – nisso consiste a síntese entre finito – o eu – e infinito – Deus, uma vez que, para ele, "Deus habita em uma luz de onde emana cada raio que ilumina o mundo." (KIERKEGAARD, 1949. p. 19).

Pelo que até então temos visto, Kierkegaard foi o primeiro autor a caracterizar negativamente a angústia como algo que não é da ordem do medo, pois este, contrariamente à angústia, tem sempre um objeto determinado. Dessa forma, a angústia nos remete a algo que é da ordem da ignorância, do não saber, ou seja, "uma ignorância que determina o espírito, mas que é justamente da angústia porque sua ignorância porta sobre o nada" (KIERKEGAARD, 1976).

Em oposição ao medo, a angústia é um sentimento para o qual não há representação. É justamente isso que caracteriza a angústia como, ao mesmo tempo, um movimento de atração e de repulsão, que revela a indecisão do homem quanto ao caminho pelo qual escolhe ou não prosseguir.

Como nos adverte Cournaire (2001), segundo Kierkegaard, o sujeito se define por sua existência e esta se constitui na relação do homem com ele próprio, isto é, na escolha através da qual ele se engaja consigo mesmo: existir é poder ser, estar no poder de si (*potis esse*), ser patrão de si. Existir é estar condenado a se produzir na existência, através de um projeto de vida que procede das escolhas e da responsabilidade do indivíduo e esse processo de individuação da existência pelo possível revela a relação do homem com a morte. Se a morte é fonte de angústia para o sujeito, é porque ela arranca do mundo um ser que não se define por sua espécie, mas pelo livre projeto de si mesmo. Por conseguinte, a liberdade que produz a dignidade do homem engendra, ao mesmo tempo, o trágico e a angústia de sua existência. A angústia é, então, essa sensação de "abafamento", insegurança, de ferida em nossa alma, sendo uma forma de dor, quando sensação de sofrimento por razões desconhecidas.

Essas questões sobre a angústia, por outro lado, são absolutamente pertinentes à Escola fundada por Viktor Frankl (1905-1997), qual seja a Logoteoria/Logoterapia, vez que para ele a angústia existencial está presente nas mais diversas manifestações do ser humano na sua caminhada de vida.

Quando o homem se defronta com diversos momentos difíceis, tais como a insegurança, a depressão e sobretudo a morte, a qual estaria nos fundamentos de todo sofrimento maior, ocorre sempre o desejo quanto a tentar identificar qual o motivo determinante de tanto sofrimento e tanta dor e, assim, conseguir encontrar uma resposta mais adequada e eficiente para superar o problema, melhorando a situação. Porém, a maioria das pessoas não sabe ao certo que sentimento é esse que as acomete em tais situações. A esse sentimento a Logoterapia chama angústia existencial.

Ao tentar solucionar o problema sobre a angústia existencial, o psicólogo austríaco Viktor Frankl, que permaneceu três anos preso em um campo de concentração, desenvolveu, a partir da sua experiência e sofrimento, a Logoterapia, a qual se propunha, como principal objetivo, resgatar nas pessoas o sentido da vida, mediante o entendimento esclarecido sobre a angústia existencial. Diante disso, propõe Frankl que a angústia está ligada basicamente ao comportamento do ser humano e, também, ao seu próprio controle pessoal, vez que resultaria do vazio existencial que poderia acossar uma dada pessoa, causando-lhe dúvidas e culpas.

Diante de tal vazio, o ser humano, na maioria das vezes, se sente perdido e por isso acha que a vida não possui sentido algum, encontrando nisso um intransponível obstáculo quanto ao viver e, justo por isso, angustiando-se – e se desesperando por não perceber que a angústia, além de ser causa de tristeza ou desprazer, é uma característica ontológica do ser humano, ou seja, é sentimento enraizado na própria existência e experiência de vida humanas (GOMES, 1987).

Com isso e nisso, o ser humano sofre, esquecido também que o principal objetivo do sofrimento é nos transformar em uma outra pessoa, caso a pessoa em questão tenha a consciência de que o ser humano vive em três tipos de mundos: o mundo natural, o mundo das relações e o mundo interior, a cada instante da vida a nossa consciência enfocando um determinado tipo de mundo a enfrentar (LUKAS, 1989).

Depreende-se disso que, segundo Viktor Frankl, para a maioria das pessoas, a angústia existencial tem como fundamental consequência a perda do sentido de vida, quando, na verdade, é a perda de tal sentido que acarreta aquela angústia, mediante o vazio existencial, o qual é provocado principalmente pelo tédio, o qual provoca, no ser humano, um enorme desconforto e a perda de sua identidade, tirando-o, com isso, de sua própria realidade, o que acaba por impedi-lo de ter esperança de que irá voltar a ser livre (XAUSA, 1986).

Ora, a vida é sofrimento, e sobreviver é encontrar significado na dor, pois, se há, de algum modo, um propósito na vida, deve haver também um significado na dor e na morte, embora pessoa alguma seja capaz de dizer qual é esse propósito, exceto aquela mesma que o descobre, cabendo, a cada um, descobri-lo por si mesmo, aceitando a responsabilidade em que sua descoberta implica. Se obtiver êxito, continuará a crescer, apesar de tudo aquilo que aparentemente possa limitá-lo, lembrando o aforismo de Nietzsche que Frankl gostava de citar: "Quem tem por que viver, pode suportar quase todo qualquer como."

Isso há que interpretar-se mediante a idéia de que, se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo, de maneira que, quando uma pessoa assume o seu destino inevitável, assume, junto com esse destino, todo o sofrimento que se lhe impõe, nisso e com isso se revelando, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência. Disso dependendo apenas se a pessoa permanece corajosa e valorosa, digna e desinteressada, ou se, na luta levada ao extremo pela auto-preservação, ela esquece sua humanidade e acaba tornando-se por completo um animal não-gregário, conforme nos sugeriu a psicologia do prisioneiro do campo de concentração por Frankl descrita em suas obras. Dependendo da atitude que tomar, a pessoa realiza ou não os valores que lhe são oferecidos pela situação sofrida e pelo seu pesado destino. Ela então será "digna do tormento, ou não" (FRANKL, 1973).

Precisamos aprender – e também ensinar às pessoas em desespero – que, a rigor, nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas, sim, exclusivamente, o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, pode-se dizer que isso se trata de fazer uma revolução copernicana. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento (GUARESCHI, 1984).

Essa exigência, e com ela o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se podendo responder com validade geral à pergunta por tal sentido. A vida, assim como a entendemos aqui, não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre serem também concretas, estando dada, essa concretude, pelo próprio destino do ser humano que, para cada um, é sempre algo único e singular. Nenhum ser humano e nenhum destino podem ser comparados com outro; nenhuma situação se repete. E a cada situação, a pessoa, uma pessoa, cada pessoa é chamada a assumir uma atitude singular. Cada situação concreta e singular exige dela que ela aja, ou seja, que ela procure configurar ativamente o seu destino; em um momento, que ela aproveite uma oportunidade para realizar valores simplesmente vivenciando-os (por exemplo, gozando); outras vezes, exigindo-se que ela simplesmente assuma o seu destino. Mas sempre é assim que toda e qualquer situação se caracteriza, por esse caráter único e exclusivo que somente permite uma única resposta correta à pergunta contida em uma concreta situação (GUARESCHI, 1984).

Assim, quando um homem descobre que seu destino é sofrer, tem que descobrir, nesse sofrimento, uma tarefa sua e única. Ou seja, mesmo diante do sofrimento, a pessoa, qualquer pessoa, toda pessoa necessita conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo-centro deste destino sofrido, como afirma Guareschi (1984), concordando com Frankl, quando nos diz que a vida humana tem sentido sempre e em todas as circunstâncias, e que esse infinito significado da existência também abrange sofrimento, morte e aflição, e que a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido (FRANKL, 1970).

Com tudo isso também concorda André Comte-Sponville, filósofo materialista francês que, sendo também um humanista, discute a existência humana como valor maior, no centro da qual está colocada a angústia.

Partindo de uma idéia, qual seja, um saber somente avança quando consegue estabelecer interfaces com outros saberes, é que propomos a noção de que seja possível, sim, um diálogo produtivo entre aquele filósofo e Viktor Frankl.

Objetivando colocá-los em estado de diálogo, recorreremos sobretudo à obra “Bom dia, angústia!” (2000), da autoria de Comte-Sponville, a qual contraporemos à obra de Frankl. Vejamos isso, então.

Afirma André Comte-Sponville que morte e angústia vão de encontro ao projeto de previsibilidade, consumo e felicidade, apresentado pela medicina, a qual se oferece como estratégia de negação da finitude e da tragicidade da vida, e que nos afasta de uma compreensão autêntica, acerca da nossa condição original de abertura de sentido à vida – o qual somente é descoberto graças à própria descoberta da finitude (COMTE-SPONVILLE,2000). Isso porque, enquanto existentes, somos marcados pela temporalidade e por uma incompletude que forçosamente é encoberta, sobretudo pela medicina moderna, na tentativa de nos inebriar com a noção de sermos especiais, porque supostamente imortais, o que nos serve de negação à dificuldade de lidarmos com nossa própria finitude.

Comte-Sponville (2000, p.11-12) provoca questões dolorosas e, simultaneamente, salvificantes, ao afirmar: “O que mais angustiante que viver? Que é angústia, senão esse sentimento em nós, com ou sem razão, da possibilidade imediata do pior?”

Para ele, a angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o futuro, para o real, para a indistinta possibilidade de tudo. Ter de libertar-se dela é o que ela própria nos indica suficientemente pelo desconforto:

“Nascemos na angústia, morremos na angústia. Que seria do homem sem a angústia? A arte, sem a angústia? O pensamento, sem a angústia?” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p.12).

Ainda segundo aquele materialista, tudo nos ameaça; tudo nos machuca; tudo nos mata. Sobre o caráter inexorável da angústia, ele diz: “O que mais natural que a angústia? O que mais humano que a angústia?” (2000, p. 12). Para ele, “a morte nos liberta da angústia, certamente, mas sem a refutar, assim como certas drogas a tratam mas sem a desmentir.” (op. cit., p. 12). Afirma também, sabiamente, que “ninguém jamais fracassou em morrer, mas em viver (...)” (op. cit., p.66-67), lembrando-nos da impossibilidade de viver felizes “sem aceitar a própria trama de nossa existência que é o tempo que passa e a vida que se desfaz.” (op. cit. , p.67). Sobre a verdade da angústia, lembra-nos: “Somos fracos no mundo e mortais na vida. Expostos a todos os ventos, a todos os riscos, a todos os medos. Um corpo para as feridas ou para as doenças, uma

alma para as mágoas, e ambos prometidos à morte somente...” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p.12).

Nesse sentido, uma vez acometidos pelo sofrimento, não nos resta outra possibilidade se não suportá-lo, experimentá-lo:

“Nada está adquirido nunca, nada está prometido nunca, senão a morte. Por isso só se pode escapar da angústia aceitando isso mesmo que ela percebe, que ela recusa e que a transforma. O quê? A fragilidade de viver, a certeza de morrer, o fracasso ou o pavor do amor, a solidão, a vacuidade, a eterna impermanência de tudo... Essa é a vida mesma, e não há outra. Solitária sempre. Mortal sempre. Pungente sempre. E tão frágil, tão fraca, tão exposta!” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p.18).

Por toda nossa existência, continuaremos com o mesmo soluço engasgado na alma; permaneceremos impotentes e com as mesmas fobias que nossos ancestrais. Com todo avanço terapêutico da psicologia e com todo progresso da espiritualidade, continuamos sem descobrir qualquer profilaxia para o perigo de viver; não existindo pílula que anule o poder da angústia – e nos parece que, se houvesse, seria pior (COMTE-SPONVILLE, 2000).

Ora, sempre soubemos que morreremos um dia. Com essa consciência nítida, torna-se natural reconhecer a preciosidade de cada instante. Mesmo o prazer é ressaltado por sua fugacidade, por sua raridade e lampejo. Também a dor, a angústia ou a tristeza trazem em si sua nobre singularidade. Difícil? Talvez esse seja mais um dos presentes da maturidade: é possível experimentar sempre, principalmente o que não se vivenciou antes, o que se deixou para trás, o que nunca passou pela cabeça. O que realmente temos a perder, afinal?

Sobre isso Viktor Frankl propõe-nos um dos princípios fundamentais da Logoterapia, o qual consiste em aceitar que a principal preocupação do ser humano não deveria consistir em obter prazer ou evitar a dor, mas, antes, em descobrir um sentido em sua vida e porque viver. Esta é a razão pela qual o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o seu sofrimento tenha um sentido ou possua um significado. Frankl deixa perfeitamente claro, porém, que, no entanto, o sofrimento não é de modo algum necessário para que se possa encontrar um sentido para a existência.

Ele insiste apenas que o sentido é possível, mesmo a despeito do sofrimento – desde que, naturalmente, o sofrimento seja inevitável. Se ele fosse evitável, no entanto, a coisa significativa a fazer seria eliminar a sua causa, fosse ela psicológica, biológica ou política. Sofrer desnecessariamente é masoquismo e não heroísmo (FRANKL, 2003).

Ao aceitar esse desafio quanto a sofrer com bravura, a vida recebe um sentido até o seu derradeiro instante, mantendo esse sentido literalmente até o fim. Em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável (FRANKL, 2003).

Para Sponville (2000), a angústia é o que há de mais humano e dela apenas a morte nos liberta, sem jamais, porém, contestá-la, porque sua verdade revela que “somos fracos no mundo e mortais na vida” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p.12). Para o angustiado não existe uma causa específica a que se possa resistir e, por isso, não existem saídas, pois viver consiste em caminhar conscientemente de que tudo terminará em tragédia – diz ele, “todos os dias sobram mais pratos na mesa” e, um dia, “todos os amores vestirão luto” (SPONVILLE, 2000).⁶ Sobre a transitoriedade da existência, Frankl (2003) nos diz que, entre as coisas que parecem tirar o sentido da vida humana, estão não apenas o sofrimento, mas também a morte. Ora, Viktor Frankl, nunca se cansou de dizer que os únicos aspectos realmente transitórios da vida são as potencialidades, porém, no momento em que elas são realizadas, transformam-se em realidades; são resgatadas e entregues ao passado, no qual ficam a salvo e resguardadas da transitoriedade – isso porque, no passado, nada está irremediavelmente perdido, mesmo que nem tudo esteja irrevogavelmente guardado.

Sendo assim, a transitoriedade da nossa existência de forma alguma tira-lhe o sentido. No entanto, ela se constitui como nossa inteira responsabilidade, porque tudo depende de nos conscientizarmos dessas possibilidades essencialmente transitórias. Ou seja, o ser humano está constantemente fazendo uma opção diante da massa de

⁶ Disponível em: <http://www.reflexoes.diarias.nom.br/cristais/angustia.pdf>. Acesso em: Junho de 2011

potencialidades presentes. Quais delas o condenarão ao não-ser? e quais, sendo concretizadas, farão com que ele seja o ser que é? Qual opção, tornando-se realidade, dele fará, de uma vez para sempre, esse mortal capaz de deixar eternas “pegadas nas areias do tempo”? Por isso, a todo e qualquer momento a pessoa precisa decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento de sua existência (FRANKL, 1973).

Entretanto, para Sponville (2000) – que com o pensamento de Frankl certamente concordaria –, toda a experiência de lidarmos com a morte é fortemente marcada pelo sentido prévio que concebemos para a vida e, por conseguinte, a sua perda:

O hospital põe a morte à distancia, para os outros, para os saudáveis, a tal ponto que eles acabam, por vezes, esquecendo-a. “Morrer? Nem pense nisso! Parei de fumar e tenho um médico ótimo...” Pobres crianças que somos! Outros, contra a angústia, se entopem de ansiolíticos, outros se atordoam no trabalho ou no prazer... Fingem não morrer, e é a isso que chamam saúde. (SPONVILLE, 2000).

Comte-Sponville nos diz ainda que afastamos, habitualmente, a capacidade inerente da morte em causar estranheza, vivemos sob a ilusão de que ela só é possível para os outros. Negamos, nesse e com esse modo impessoal de compreensão da morte, a nossa própria implicação, esquecendo-nos de uma coisa fundamental:

Não se morre por acidente, doença, velhice. Morre-se por ser mortal, morre-se por viver, por ter vivido. A morte, ou a angústia da morte, ou a certeza da morte, é o próprio sabor da vida, sem amargor essencial. Como a cerveja tem gosto de cerveja, assim a vida tem gosto de morte (SPONVILLE, 2000).

Não se morre uma única vez, para acabar e se acabar. Morre-se todos os dias, a cada instante de cada dia. A criança que eu era está morta no adulto que sou, aquele que eu era ontem está morto hoje, ou se sobrevivem em mim e na medida em que lhes sobrevivo, cada qual transporta consigo seu cadáver. A vida, segundo Sponville (2000),

é pungente justamente porque morre e se morre, porque não pára de morrer, aqui, à nossa frente, em nós. Esta é a vida, simples e difícil. É essa morte de instante a instante que se nega e se perpetua, que se supera, que se inventa e se esquece, que nos carrega, que se inventa e se esquece, que nos carrega e nos leva. Essa fragilidade do viver, essa fugacidade do viver é a vida mesma, é o próprio sabor da vida que nos é inerente e que, forçosamente, tentamos ignorar. Para Comte-Sponville (2000, p.18), “viver é morrer; é por isso que a vida é ainda mais bela, porque traz em si a morte amarga”.

Ou seja, é como se a vida fosse, ao mesmo tempo, uma tragédia e uma comédia. Devemos compreender o seu percurso, suportar quando é preciso, alegrarmo-nos quando se pode. Somos finitos e essa condição nos abre para inúmeras possibilidades, seja a impessoalidade ou a possibilidade de aludir modos mais singulares de ser. Vida e morte. Prazer e sofrimento. Angústia. Tudo isso faz parte de nossa existência. A vida não tem nada de especial para nos vender, tampouco existe, com certeza e obrigatoriamente, uma felicidade em algum lugar a nossa espera. Devemos pensar a vida simplesmente como

Sinônimo de inocência, de força afirmativa, imponente, forte, luminosa, emergindo sempre do lado menos esperado e espalhando a alegria mais oportuna, contagiante, incorruptível. Como um oásis no meio de um deserto ou um raio de sol entrando pela fresta de uma caverna. Às vezes é impossível discerni-la em meio a tanto peso: tantas quinquilharias morais, tantas armaduras, tantos azedumes... Às vezes é obrigada a calar-se para não ser soterrada pela morbidez reinante. Mas está sempre lá, esperando o espaço, o momento e a ocasião oportunos (NAFFAH NETO, 1992, p. 60).

Esquecemos constantemente que não é a morte que cumpre vencer – já que isso não podemos –, é o medo que dela temos. A morte nos priva do futuro; é por isso que, para quase todos nós, ela nos priva do essencial. A vida não passa de puro devir e reconhecer isso é aprender a viver, não a morrer. Viver também é, consistencialmente, aprender a morrer. Negar tal pertinência é amputar a existência e, portanto, sem se dar conta, morrer para a vida, tendo, simultaneamente, pavor da morte (SPONVILLE, 2000).

Fugindo, perdemos a nossa própria vida naquilo que de melhor ela pode oferecer: a nossa condição de abertura ao sentido. Como bem nos lembra Comte-Sponville (2000), dizer sim à vida significa dizer sim também à sua finitude, ao que ela comporta para nós, necessariamente, de fracassos e frustrações. Morrer e se angustiar faz parte de nosso destino comum, vez que não podemos esperar a felicidade em pílulas:

Vivemos numa sociedade cada vez mais medicalizada, e que a medicina, se não tomarmos cuidado, ou melhor, a ideologia pan-médica que se louva nela, tende a substituir a relação com o mundo, com os outros, consigo, noutras palavras, a cultura, para não dizer a moral e a religião. (COMTE-SPONVILLE, 2000, p.73).

Não há vida sem doenças, sem morte, sem tristezas, sem frustrações, sem riscos, sem angústia, mas também sem risos. A saúde ou o bem estar não é a felicidade, a medicina não é uma solução mágica para todos os males e, certamente, nenhum medicamento poderia substituir tal tragicidade. Não há vacina contra o perigo de viver. “Por outro lado, não se trata de não sofrer, pois senão o suicídio seria a melhor opção”, como afirma Comte-Sponville (2000, p.73). “Trata-se de viver, o mais possível, o melhor possível: trata-se”, de acordo com Sponville, “de ser feliz, tanto quanto se conseguir, e, claro, nunca se é feliz senão aproximadamente” (*op. cit.*, p.73.). Essa proximidade, para o autor todavia, não é alguma coisa, é tudo:

Quem chamaria de “felicidade” um bem estar que só fosse alimentado por drogas ou ilusões? Que elas possam ser necessárias, por vezes, tristemente necessárias, está bastante claro. Só há felicidade numa relação feliz com a verdade. A verdadeira vida não está alhures, a verdadeira vida não está ausente: a verdadeira vida está em nos reconhecermos como mortais, vulneráveis, frágeis, vencíveis e apaixonados pelo viver (COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 70).

Sobre isso, Frankl nos fala do sentido último. Esse sentido necessariamente excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano. Na Logoterapia fala-

se, neste contexto, de um supra-sentido: O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existencialistas ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida. O que Frankl propõe é, antes, suportar a incapacidade de captar, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. O logos é mais profundo que a lógica (FRANKL, 1973) – e com isso André Comte-Sponville com certeza concordaria.

Comentários Finais

Em nosso entendimento, Kierkegaard e André Comte-Sponville tem muito a contribuir para com a Logoterapia de Viktor Frankl, uma vez que ambos comungam da idéia de uma espécie de “angústia criativa”, angústia essa que nos move rumo a algo, em vez de nos paralisar, angústia que nos convida cotidiana e impacientemente por transformá-la em um salto sobre os abismos de nossa existência, angústia que nos permite alçar vôos maiores e/ou com quedas menos dolorosas.

Para Comte-Sponville, precisamos refletir e analisar, menos sobre que aquilo que nos angustia e mais sobre nossa própria angústia. Diz ele:

“É preciso começar pelo mais escuro, buscar “o vazio, o negro, o nu”, e chegar progressivamente à luz. (...) É necessário começar por essa noite. Deter-se nela. Enfrentar essa angústia. É por isso que muita gente nunca começa, e fica girando a esmo diante das portas de si mesmo. Falatório e diversão, jogos do sentido e da ilusão, caminhos e descaminhos do mundo e da alma: *labirinto*. Mas às vezes alguns se fartam. Há dias em que não suportamos mais o falatório. Paramos. Enfim, o silêncio. Enfim a solidão. E a angústia lá está como um grande espelho vazio”.

Pois é disso que exatamente Comte-Sponville nos fala: Em meio a tantas esperas e tantos desesperos, a angústia... O que fazer, então, com tanta angústia desnecessária? Desnecessária? Quem disse que a angústia não é necessária? Quem disse que a angústia é um mal? Que ela dói, corrói e machuca, é fato, porém não é eterna (como nada o é) – além do que, há sempre algo que com ela se fazer, ainda que nos perguntemos: Mas, o quê? Sugere-nos Comte-Sponville:

“E de repente, a serenidade estranha que dele se apossa. A angústia que se anula no extremo de si mesma. O desespero. Começar pela angústia, começar pelo desespero: ir de uma ao outro. Descer. No fim de tudo, o silêncio. A tranquilidade do silêncio. A noite que cai aplaca os temores do crepúsculo. Não mais fantasmas: o vazio. Não mais angústia: o silêncio. Não mais perturbação: o repouso. Nada a temer, nada a esperar. Para que um dia – hoje, quem sabe –, a vida nos seja doce, leve, luminosa e bela, como um sonho de criança feliz perdida na plenitude do céu.”⁷

Já para Viktor Emil Frankl, não são tão diferentes as suas idéias quando em comparação ao que pensa Comte-Sponville: No que respeita à vida de qualquer pessoa, no tocante à angústia existencial, ele propõe que a angústia é algo que deve nos motivar para algo maior em nossa existência. Ele nos afirma que temos a obrigação de atentar à nossa voz interior, pois somente ela é capaz de captar as vibrações dos sentidos e captar a hierarquia de valores que, de outro modo, ser-nos-iam inacessíveis. Ou seja, para o Pai da Logoterapia, o ser humano deve estar angustiado, sim, e se deve angustiar para que somente então reconheça o que a vida lhe trará de melhor, uma vez sendo obrigado, pela angústia, a buscar o verdadeiro sentido de sua existência, pela via da responsabilidade, para além da finitude, vez que somente não morre e não finda aquele que projetou-se, a partir de seu hoje, para o amanhã. Para Frankl, essa busca de sentido, para além da angústia, é sumamente pessoal e distinta para cada um de nós. Para ele, o sofrimento determinado pela angústia em si não tem qualquer significado – mas, diante dele, em meio a ele, somente nós podemos assumir atitudes significativas diante de situações que aparentemente careçam de sentido. Em suma, para Frankl, a angústia oferece ao homem a oportunidade de mudar, de renunciar ao seu eu e, inclusive, a fim de ser maior, mesmo angustiado e desesperadamente, mas nunca desesperançadamente, enfrentá-lo.

Após tudo isso, tendo iniciado nossas digressões com uma fala sobre Munch que, com tintas, descreveu a angústia, podemos concluir, sumariando o pensamento de Kiekegaard, Viktor Frankl e André Comte-Sponville, através de um outro artista que, através da poesia, nos estende uma ponte por sobre o rio do desespero, Fernando Pessoa. É ele que nos diz:

⁷ Disponível em: <http://atliez.wordpress.com/tag/sponville/>. Acesso em: Junho de 2011.

“De tudo, ficam três coisas: A certeza de que estamos sempre começando... A certeza de que precisamos continuar... A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar... Portanto devemos: Fazer da interrupção um caminho novo... da queda um passo de dança... do medo, uma escada... do sonho, uma ponte... da procura, um encontro...”⁸

Disponível em:⁸ http://www.releituras.com/fsabino_bio.asp. Acessado em: Junho de 2011.

REFERÊNCIAS:

ARGERAMI – Camon, V.A **Psicoterapia existencial**. São Paulo: Editora Pioneira, 1998.

ALMEIDA, J.M e VALLS, A.L.M. 2007. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEAUFRET, Jean. **Introdução às filosofias da existência**. São Paulo : Duas Cid, 1976.

COURNAIRE, L. **L'Existence**. Paris: Armond Colin, 2001.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Kierkegaard: vida e obra**, In **Kierkegaard: os pensadores**, p. VI-XIV. São Paulo : Abril Cultural, 1979.

CIPULLO, M.A.T. “**O modelo existencial e pulsional na compreensão da angústia: (ou... A escolha de Ubiratan)**” In: Argerami – Camon, V.A. (Org.), **Angústia e Psicoterapia**. São Paulo: Casa Do Psicólogo, 2000 (pp 85-113)

FEIJOO, A.M.L.C. “**A Angústia: Das reflexões de Kierkegaard e Heidegger à psicoterapia**”. In: Argerami – Camon, V.A (Org.), **Angústia e psicoterapia**. (p.65-84). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 (pp. 65.84).

FABRY, Joseph B. **A busca do significado; Viktor Frankl Logoterapia e Vida**. São Paulo, E.C.E., 1984.

FRANKL, Viktor. E. **Psicoterapia e sentido da vida; fundamentos da logoterapia e análise existencial**. São Paulo, Quadrante, 1973.

FRANKL, Viktor E. **A logoterapia e seu emprego clínico**. Serviço Bibliográfico. Roche, 1970.

FRANKL, Viktor E., **Sede de sentido**. São Paulo: Quadrante, 2003.

GIOVANETTI, J.P. “Angústia Existencial nos tempos atuais.” In: Argerami – Camon, V.A. (Org.) *Angústia e Psicoterapia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000 (pp 119-142)

GOMES, José Carlos Vitor. *Logoterapia: a psicoterapia humanista de Viktor Emil Frankl*. São Paulo/ SP: Edições Loyola, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho. **Apreciação da obra de Viktor Frankl**. Porto Alegre: Psico PUC, 8 (1): | 9-29, Jan-Jun. 1984.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, Sören; **O Desespero humano**; Martin Claret; São Paulo, 2001.

KIERKEGAARD, S. **Le concept de l’angoisse**, Paris, Gallimari, 1976.

KIERKEGAARD, S. **O Conceito de angústia**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

KIERKEGAARD, S.A 1968 [1844]. *O Conceito de Angústia*. São Paulo. Hemus, 1968 [1844].

KIERKEGAARD, S.A, 1849. **O Desespero Humano**. São Paulo. Editora Martim Claret, ____ [1849]

LUKAS, Elizabeth. **Logoterapia: “a força desafiadora do espírito”**. São Paulo/SP: Edições Loyola, 1989.

LIUDVIK, Caio. "O mal-estar no mundo”, In: **Cult**, nº. 158, Junho, 2011. São Paulo: Ed. Bregantini, ano 14 (pp.26 - 28).

MIELNIK, Isaac, 1920. **Dicionário de termos psiquiátricos** – São Paulo: Roca, 1987.

SPONVILLE, A.C. **Bom dia, angústia!**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1943.

XAUSA. Izar Aparecida de Moraes. **A Psicologia do sentido da vida**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1986.

Disponível em:
http://mmspf.msdonline.com.br/pacientes/manual_merck/secao_07/cap_083.html).

Acessado em: 10 de Junho de 2011 às 3h16min.

Páginas sobre temas e correntes da Filosofia escritas por Rubem Queiroz Cobra.

Disponível Em: <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-existencial.html> Acessado em: 20 de Maio de 2011 às 03h43min.